

Resenha

O servo de YHWH solidário com o povo escravo da Babilônia

SILVA, Rosemary Francisca Neves. O servo de YHWH solidário com o povo escravo da Babilônia. 1 ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2020, 193 p.

*Karine Marques Rodrigues Teixeira*¹

A professora Rosemary Francisca Neves Silva possui Doutorado e Mestrado em Ciências da Religião pela PUC Goiás, onde atualmente leciona, no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião, e, na Graduação. É autora de artigos e capítulos de livros na área de Religião, História e Literatura Sagrada. Coordena o Grupo de Pesquisa CNPq: Religião, Teologia e Sociedade, é membro do Núcleo de Estudos Clássicos e Humanísticos e do Grupo de Pesquisa CNPq: Religião, Bíblia e Sociedade. Editora da Revista Fragmentos de Cultura e Coordenadora do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Humanidades ambos da PUC Goiás.

A obra “O servo de YHWH solidário com o povo escravo da Babilônia” está organizada em quatro capítulos. Os três primeiros são essenciais para subsidiar a aproximação hermenêutica realizada no último capítulo: a realidade do servo sofredor e a mulher negra no período colonial brasileiro. O livro, fruto da tese doutoral com o mesmo título, tem como objeto de estudo “os quatro Cantos do Servo de YHWH como memória da escravidão no exílio babilônico” (p. 19) e o objetivo de “compreender o conceito de escravidão no exílio babilônico a partir da figura do servo” (p. 19).

¹ Doutoranda em Ciências da Religião, mestrado em Serviço Social (2017) e graduação em Serviço Social (1998) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, especialização em Educação Especial, pela Faculdade Michelangelo (2005). Docente na Faculdade Unida de Campinas (FACUNICAMPS), servidora pública municipal, com experiência em planejamento e elaboração orçamentária no âmbito da Política de Assistência Social, lotada na Secretaria Municipal de Assistência Social, onde exerce o cargo de Analista em Assuntos Sociais. Email: karinemrt@yahoo.com.br

Os quatro Cantos do Servo de YHWH estão descritos no livro de Isaías, uma obra extensa “que reúne tradições proféticas de quase quatro séculos” (CROATTO, 1989, p. 11), com forma e estrutura complexas, e cuja discussão acerca de sua formação teve início em 1775 com Johann C. Döderlein que propôs “que o livro tinha duas obras distintas” e ao longo de seus estudos identificou “um determinado profeta”, bem como, “um escritor ao final do exílio” a partir do capítulo 40 (p. 25).

Em 1892, Bernhard Duhm propôs a divisão do livro em três partes distintas: Proto-Isaías (Is 1-39), do século VIII a.C., que parece ser atribuído ao primeiro Isaías e cuja mensagem se relaciona com o profetismo clássico entre os anos de 740 e 710 a.C. abrangendo a questões sociais e políticas no período em que a Assíria era a potência dominante; Dêutero-Isaías (Is 40-55), do século VI a.C, considerado um profeta anônimo por muitos estudiosos “e o maior do período exílico”, no período de declínio da Babilônia e a ascensão persa, e, cuja mensagem refere-se a sua fé em Deus; e Trito-Isaías (Is 56-66), do século V a.C., supostamente situado no período persa ou pós-exílio, cujo autor “teria sido um dos discípulos do Dêutero-Isaías que adaptou as pregações pós-exílicas às do seu mestre” (p. 26).

Considerando a complexidade do livro de Isaías, a autora aborda, no primeiro capítulo “os tempos históricos e os horizontes das redações” (p. 27), detalhando época e lugar, o autor, sua literatura e mensagem. Na sequência, é apresentada a história da pesquisa dos quatro Cantos do Servo de YHWH, a partir da apresentação dos três Isaías, conforme citados anteriormente, e referência ao Dêutero-Isaías, na Babilônia, período no qual foram escritos os quatros cantos com as perícopes assim delimitadas: primeiro Canto (Is 42,1-4) - Deus chama e apresenta o Servo vocacionado; segundo Canto (Is 49,1-6) - narra a missão profética do Servo de reunir as tribos de Israel e Jacó para ser luz das nações; terceiro Canto (Is 50,4-9) - descreve um Servo obediente e humilhado por causa de Deus e que se fortalece para realizar sua missão; e, quarto Canto

(Is 52,13-53,12) - o Servo aceita a situação em silêncio como forma de protesto contra todas as injustiças que estava vivendo.

A análise dos Cantos baseia-se nos estudos de Duhm que desencadeou várias controvérsias, porém, é a teoria mais aceita. Os quatro Cantos do Servo de YHWH apresenta um personagem anônimo, o Servo/escravo, cuja identificação se deu a partir de quatro teorias. A teoria de Duhm é a defesa da autora quanto ao número de cânticos e sua delimitação, outros sim ela discorda dele acerca da interpretação da identidade do Servo, para o qual o Servo é visto como um indivíduo “e nós defendemos a interpretação da coletividade, do Servo ser o povo, a comunidade de Israel” (p. 33). A autora também defende “os Cantos como um ciclo literário independente do contexto do Dêutero-Isaías” (p. 35).

O segundo capítulo aborda temas por meio de uma minuciosa exegese bíblica: Servo/escravo; seio materno: a vocação do servo/escravo; chamado de deus ao servo/escravo; profeta-servo/profeta-escravo; missão; luz das nações e salvação. Em alinhamento com Duhm as perícopes são denominadas de Cantos, cada qual delimitados por critérios bem detalhados, que os ratifica como “uma obra completa que trata do mesmo assunto, que é o chamado, aceitação, missão e realização da missão e, em todos, o personagem é um Servo, escolhido para a realização de uma missão”, apresentando “uma coesão entre eles, diferenciando-se, assim, de todo o restante do Dêutero-Isaías” (p. 75).

A partir dessa exegese percebe-se que o Servo/escravo é alguém perseguido, fragilizado, defensor dos fracos, um pobre que defende pobres. O servo e escravo “designam a mesma função e a mesma pessoa. É alguém que está a serviço do povo e [que] fez a experiência de dor e escravidão no meio do povo escravizado” (p. 103). Quanto a sua vocação compreende-se que foi Deus quem o chamou ainda em sua formação.

A narração dos quatro Cantos tem o escravo chamado a realizar uma missão como vocacionado, e o Servo é um profeta que recebe a missão de ser luz das nações. Assim, considerando que o profeta é um vocacionado e

chamado por Deus para realizar uma missão, o Servo/escravo é um profeta, pois possui as mesmas características do profeta-Servo/profeta-escravo que aparecem no exílio. “É no exílio da Babilônia que nasce o profeta-Servo/profeta-escravo” (p. 113).

Compreendendo a sua missão, o profeta-servo/profeta-escravo anuncia a profecia por meio de três caminhos, que se interligam: da justiça, da solidariedade e da mística. A justiça “acontecia quando tudo respondia à vontade de Deus. O profeta tinha como missão manter o povo organizado conforme a Aliança proposta por YHWH” (p. 117), denunciando as injustiças e apresentando suas causas, criando assim normas favoráveis ao povo e a observância da Aliança. A solidariedade como concreção da prática da justiça em que há partilha entre os membros da comunidade, cuja missão do profeta foi apontar caminhos para a sua realização. E a mística era o fator motivador que resultava nas duas primeiras. Nesta perspectiva, a salvação não é da alma, e, sim, dos que oprimiam o povo, e a libertação, significa livrar-se dos opressores, configurando a missão do Servo/escravo, “de levar salvação no sentido de libertação de tudo que escraviza o ser humano” (p. 130).

O terceiro capítulo apresenta o Servo/escravo na ótica de leitura conflitual, numa análise do cotidiano evidenciando questões políticas, econômicas e sociais, a identidade étnica do grupo dos exilados e sua experiência religiosa. Essa leitura descortinou a violência da época, mas o fato de não terem sido dispersos foi decisivo para sua sobrevivência, já que “não foram forçados a deixar sua cultura, seus valores e costumes para aderirem à cultura babilônica (...)” (p. 143).

De forma que “o que deu significado e força para vencer a realidade vivida por eles em terras estrangeiras foi à religião, os costumes e valores que havia dentro deles (p. 144). Essa vida em comunidade foi relevante para que os deportados não perdessem sua cultura, sua identidade, bem como sua fé em seu Deus. Diante dos problemas que experienciavam no cotidiano é que os exilados foram afirmando sua religiosidade e sua fé no Deus que caminha com

o povo. Os exilados serviram a um Deus único, e adaptaram sua fé em YHWH, o Deus libertador (p. 152). O Dêutero-Isaías e, conseqüentemente, o Servo contribuíram com a preservação do monoteísmo entre os judeus exilados (p. 154). No convívio descobriram que podiam prestar cultos para o seu Deus fora dos templos (p. 156).

Finalmente, o quarto capítulo faz uma aproximação hermenêutica entre a figura do servo dos quatro Cantos e a mulher negra no período colonial brasileiro, evidenciando as aproximações de escravidão, solidariedade e libertação de ambos. Esta aproximação é realizada por meio de três chaves hermenêuticas (GARCÍA BACHMANN, 2000), considerando que “a hermenêutica não visa ao saber teórico, mas sim ao uso prático, isto é, à práxis ou à técnica da boa interpretação de um texto”, por conseguinte, trata-se da compreensão, “o conceito básico e a finalidade fundamental de toda a questão hermenêutica” (p. 21), que Schleiermacher (1995, p. 112) define como “reconstrução histórica e divinatória, objetiva e subjetiva, de um dado discurso”.

A primeira chave hermenêutica é o servo como figura ou imagem, logo, se relaciona com a mulher negra no período colonial brasileiro. A segunda é a sociedade como uma continuidade do poder ao “des-poder”, que “afirma que cada pessoa, a partir de seus conhecimentos, possui uma imagem e modelo do Israel bíblico, mas nenhum modelo é totalmente correto” (p. 53). Inspirada no modelo sociológico de Gerhard Lenski, García Bachmann (2000), aborda que fatores como sexo, gênero, raça, idade, religião, profissão podem interferir na compreensão de sociedade da qual a pessoa faz parte.

Com base nesta compreensão, Silva (2020) afirma que “não podemos generalizar as pessoas apenas pela sua localização social” e que, no “que se refere ao texto bíblico, as evidências são parciais e muitas vezes sujeitas a contingências ou coincidências, sendo então necessárias a leitura e a reflexão de todos os fatores nos quais a pessoa ou personagem esteja inserido” (p. 53).

A terceira chave hermenêutica, são as mulheres pobres da sociedade israelita. García Bachmann (2000) expressa que a base da população que

formava essa sociedade produzia para o seu próprio consumo e troca. “Trocava suas produções agrícolas com a classe dirigente por infraestrutura religiosa, política e cultural”, que a ideia de família implicava a inclusão de outras pessoas, inclusive, “várias famílias israelitas tornavam-se escravas de seus próprios irmãos” (SILVA, 2020, p. 54) e que quatro fatores levaram à escravidão: a busca por trabalho até mesmo como escravo para pagar os créditos; as guerras que levavam o povo subjogado a pagar altos tributos à nação opressora; as doações, inclusive de filhos ou filhas; e, a venda de escravos, o abandono de crianças, a venda de meninas.

Considerando estas três chaves, pela aproximação hermenêutica, esse Servo de YHWH é a expressão da solidariedade de Deus para com os povos escravizados e sofridos de todos os tempos e lugares. E o livro privilegiou um recorte particular, das mulheres negras escravizadas no período colonial brasileiro. “Com isso, considerou a discriminação da categoria social de pobres, da categoria gênero das mulheres, da categoria étnica das estrangeiras africanas e da categoria religiosa do sincretismo” fazendo jus à hermenêutica bíblica latino-americana (p. 179).

De forma que o quarto capítulo retrata o histórico das mulheres negras escravizadas no Brasil e a aproximação da realidade de suas vidas de opressão com a servidão das mulheres do exílio babilônico. Nesse sentido, os sofrimentos das mulheres africanas no Brasil-colônia, cerca de 20% dos negros que vieram como mercadoria, têm muito em comum com os das mulheres judias no exílio babilônico. A condição de servas sofredoras está retratada em ambos contextos (p. 157): obrigadas a deixarem seus parentes, suas crenças, costumes e cultura, submetidas a trabalhos inferiores aos que desenvolviam em sua pátria, violentadas em seus corpos abandonando seus filhos para tornarem-se amas de leite de sua sinhá, objeto de prazer sexual para seus senhores, mas também para outros, por meio da prostituição, destituídas do direito de constituir uma família, por meio do matrimônio, obrigadas a se converterem ao catolicismo etc.

Aconteceu como os exilados na Babilônia, que, construíram novas comunidades e solidificaram a sua fé no Deus único. “O cotidiano no período colonial foi um espaço onde as mulheres negras e escravas puderam fazer memória de sua história, cultura, identidade étnica e religião (...)”. Infelizmente, “e ainda hoje há práticas de violência, opressão, exploração sexual e dor nos corpos de mulheres negras, como repercussão dos sofrimentos do servo do Senhor ao representar as pessoas escravizadas do exílio babilônico” (p. 178).

Assim, é possível afirmar que há aproximações entre os dois períodos, o exílico e o colonial, a partir da hermenêutica dos quatro Cantos do Servo de YHWH, na ótica da mulher negra e escrava no período colonial brasileiro, apesar das diferenças de espaço, tempo, cultura. “As aproximações são as questões étnicas, religiosas e a escravidão, que foi marcante nesses períodos” (p. 182), sobretudo, a última, como forma de opressão, humilhação, desprezo, violência sexual das mulheres, privação dos cuidados de seus filhos.

Num diálogo com exegetas europeus e latino-americanos, a autora subsidia sua produção e sustenta sua pesquisa por meio de uma redação leve e didática que nos faz velejar na leitura indicada para pesquisadores das Ciências da Religião, Literatura Sagrada e História, mas também para todos que se interessam pela temática.

Recebido em: 19-08-22

Aprovado em: 22-09-22